

**Margem Esquerda 18****Vários autores**

Boitempo Editorial

<http://www.boitempo.com/boitempo.php>[vendas@boitempoeditorial.com.br](mailto:vendas@boitempoeditorial.com.br)

No dia 10 de maio de 1933, há 79 anos, na praça hoje chamada Bebelplatz (em homenagem a Auguste Bebel), em Berlim, teve lugar uma das mais sinistras cerimônias do regime nazista: a queima de 25 mil livros considerados decadentes, subversivos etc., perante 40 mil pessoas, na maioria jovens estudantes. O próprio diretor da Faculdade de Direito, localizada em frente, inaugurou a pira fúnebre, trazendo uma braçada de livros da biblioteca. Do outro lado da rua, a fachada da Universidade Humboldt era testemunha muda desse holocausto intelectual. Entre os livros queimados estavam os do poeta alemão Heinrich Heine (1797-1856).

Heine tinha tudo para estar na pira. Vinha de uma família judaica, embora de espírito laico. Desde os tempos de universidade, cursada em Bonn e Berlim, revelara-se independente, irreverente, sarcástico, irônico, satirizando os poderes alemães.

Teve seus livros censurados várias vezes na futura Alemanha, que nessa época ainda não existia como nação unificada. Cansado de tudo isso, mudou-se em 1831 para Paris, onde viveria até o fim da sua vida. Foi amigo e admirador de Marx, assim como admirado por ele, embora suas ideias não se alinhassem em tudo. Marx defendia o comunismo, enquanto Heine preferia uma revolução através da educação. Foram, porém, dois grandes espíritos que se cruzaram de modo criativo.

Heine foi poeta, dramaturgo, ensaísta, polemista, jornalista, crítico literário e cultural, em suma, um dos grandes homens que marcaram a cultura germânica do século XIX e posteriores. Publicou inúmeros livros e de uma de suas peças veio a frase que hoje está gravada em bronze na



Bebelplatz: *“Das War ein Vorspiel nur: dort wo man Büchern verbrannt, verbrennt auch man am ende Menschen”*

[Isso foi só um prelúdio: onde se queimam livros termina-se por queimar seres humanos]. Em suma, perante o regime nazista, seus livros mereciam estar na pira. Sabe-se que o nosso poeta Gonçalves Dias inspirou-se em versos de Goethe para compor a “Canção do exílio”. Terá ele conhecido “Um pinheiro”, de Heine? É esse o poema desta edição, selecionado e traduzido por Flávio Aguiar.

O artista plástico da vez é Iran do Espírito Santo, paulista de Mococa, pintor, escultor, desenhista e gravador. Suas obras, escolhidas pelo também artista plástico Sergio Romagnolo, são inspiradas no cotidiano e trabalham com a ilusão, pois nunca são feitas do material ou da forma como imaginamos. O copo aparentemente cheio d’água é composto de cristal maciço; a pilha de tijolos foi esculpida em pedra; a caixa de sapatos, produzida em mármore, a “lata” é uma peça maciça de aço inoxidável, feita em torno.

Segundo Sergio Romagnolo, “o que Iran desvenda é a possibilidade de ver arte onde menos se espera – como se vislumbrasse um mundo contido nas caixas de papelão, latas e tijolos – e de mostrar o mais alto esmero técnico industrial e artesanal em objetos que normalmente são feitos de forma precária, com a menor quantidade de material e ao menor custo”. O trabalho da capa – uma torre de tijolos esculpida em três partes, em pedra, como ruínas de uma civilização antiga – é um projeto de escultura pública, a ser instalada no Central Park, em Nova York, no final de 2013.

A entrevista é do teólogo da libertação e escritor Leonardo Boff, que falou sobre sua trajetória, formação e obra aos sociólogos Emir Sader e Michael Löwy. O “Dossiê”, organizado por Ricardo Antunes, apresenta cenas da condição de precariedade da classe trabalhadora em escala global, com textos de Pietro Basso, Giovanni Alves e Dora

Fonseca, Graça Druck e do próprio Ricardo. Na seção “Artigos”, Marcello Musto discorre sobre a “Introdução” de 1857, a mais importante e célebre seção dos *Grundrisse*, de Karl Marx. Fabio Querido estabelece afinidades entre as reflexões teóricas e políticas de Rosa Luxemburgo (1871-1919) e Walter Benjamin (1892-1940): à luz dos desafios do presente, a defesa que ambos fazem de uma concepção aberta da história possibilita uma visão atualizada do caráter destrutivo e violento do desenvolvimento capitalista-moderno. Roberval dos Santos revisa as principais teses de Louis Althusser e discute sua última contribuição intelectual, o materialismo do encontro, defendendo que esse conceito sempre fez parte de sua teoria.

Por último, João Leonardo Medeiros analisa o fenômeno dos *reality shows*, em particular o *Big Brother*. Seu artigo articula o atual desenvolvimento capitalista com as formas e conteúdos assumidos pelas manifestações culturais contemporâneas, entendendo que estas expressam “formas de consciências condizentes e necessárias” à reprodução social.

*Margem Esquerda* n. 18 traz ainda uma resenha de Carlos Eduardo Machado, notas de leitura – de Kim Doria, Mathias Luce e Mozart Pereira – e uma homenagem de Guillermo Almeyra a Ahmed Ben Bella, um dos mais preeminentes líderes do processo de independência da Argélia e seu primeiro presidente eleito, que morreu no dia 11 de abril deste ano.

Outras perdas que merecem registro: a do dirigente comunista italiano Lucio Magri, falecido em 28 de novembro de 2011; a do jogador Sócrates Brasileiro, em 4 de dezembro de 2011; a do geógrafo brasileiro Aziz Ab’Saber, em 16 de março de 2012; a do escritor brasileiro Millôr Fernandes, em 27 de março de 2012; e a do escritor mexicano Carlos Fuentes, em 15 de maio de 2012. A eles, que de formas diferentes lutaram por um mundo mais justo, dedicamos esta edição.

## Sumário

### Apresentação

IVANA JINKINGS e FLÁVIO AGUIAR

### ENTREVISTA

Leonardo Boff

EMIR SADER e MICHAEL LÖWY

### DOSSIÊ: NOVA ERA DE PRECARIZAÇÃO ESTRUTURAL DO TRABALHO?

O walmartismo no trabalho no início do século XXI

PIETRO BASSO

Trabalhadores precários: o exemplo emblemático de Portugal

GIOVANNI ALVES e DORA FONSECA

A metamorfose da precarização social do trabalho no Brasil

GRAÇA DRUCK

A corrosão do trabalho e a precarização estrutural

RICARDO ANTUNES

### ARTIGOS

História, produção e método na “Introdução” de 1857

MARCELLO MUSTO

A exumação de Louis Althusser

ROBERVAL DE JESUS LEONE DOS SANTOS

Rememoração revolucionária

FABIO MASCARO QUERIDO

Capital, o Big Brother

JOÃO LEONARDO MEDEIROS

### HOMENAGEM

O Ben Bella revolucionário que conheci

GUILLERMO ALMEYRA

### RESENHA

Literatura e política

CARLOS EDUARDO J. MACHADO

**NOTAS DE LEITURA**

O debate sobre Deus: razão, fé e revolução  
MOZART SILVANO PEREIRA

Vivendo no fim dos tempos.  
KIM DORIA

Globalização, dependência e neoliberalismo  
na América Latina  
MATHIAS SEIBEL LUCE

**POESIA**

Um pinheiro  
HEINRICH HEINE